

# MARIA-ISABEL E ARROZ CIRIGADO: ANÁLISE DIALETOLÓGICA NO CAMPO DA ALIMENTAÇÃO NO TOCANTINS-TO

## MARIA-ISABEL AND ARROZ CIRIGADO: DIALECTICAL ANALYSIS IN THE FIELD OF FOOD IN TOCANTINS (BR)

Cassiane Oliveira de Souza Gomes **1**

Joelma Pereira Cruz dos Santos **2**

Greize Alves da Silva **3**

**Resumo:** A partir de dados que Silva (2018) coletou para o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO), propomos uma abordagem dialetológica pluridimensional sobre o uso das formas alimentares comumente conhecidas como *maria-isabel* entre falantes de 12 localidades. Para tanto, reconstituímos o percurso da Dialetoлогия no Brasil e relacionamos cultura, sociedade e linguagem nos falares sobre itens de alimentação no território tocantinense. Em seguida, expomos os dados que Silva (2018) recolheu junto a 96 informantes distribuídos por faixa etária, sexo e tipo de mobilidade nas localidades do Tocantins, sobretudo aos relacionados a seguinte questão: “Como se chama a comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?”. A partir dos resultados, comparamos as variantes *maria-isabel*, *arroz cirigado* e *arroz-carreteiro*, constatando a maior recorrência da primeira. Finalizamos com hipóteses nas dimensões interindividuais para os prováveis usos e seus respectivos índices quantitativos e qualitativos.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. ALITTETO. Alimentação e Cozinha. *Maria-Isabel*. Tocantins.

**Abstract:** Based on data that Silva (2018) collected for the Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of the State of Tocantins (ALITTETO), we propose a multidimensional dialectological approach on the use of the term *maria-isabel* among speakers of this locality. To do so, we reconstruct the trajectory of Dialectology in Brazil and relate culture, society and language when talking about food items in Tocantins territory. Then, we expose the data that Silva (2018) collected from 96 informants of different origins, ages and sex between March and December 2015 in 12 locations in Tocantins under the question: “Food made with rice, together with dried meat, cut into strips?”. Based on the results, we compared the variants *maria-isabel*, *arroz cirigado* and *arroz carreteiro*, noting the highest recurrence of the former. We conclude with hypotheses in the inter-individual dimensions for the probable uses and their respective quantitative and qualitative indexes.

**Keywords:** Dialectology. ALITTETO. Food and Kitchen. *Maria-Isabel*. Tocantins.

- 
- 1** Mestranda do programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras/UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8091483623293260>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7653-0396>. E-mail: [cassianeods@gmail.com](mailto:cassianeods@gmail.com)
  - 2** Mestranda do programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras/UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3263303374205025>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9922-268X>. E-mail: [joelmacruz.prof@gmail.com](mailto:joelmacruz.prof@gmail.com)
  - 3** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins - Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4978318468793519>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>. E-mail: [greize\\_silva@yahoo.com.br](mailto:greize_silva@yahoo.com.br)

## Introdução

As pesquisas que resultaram na publicação do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALITTETO) (SILVA, 2018) representaram importante passo para os estudos linguísticos no Estado e, conseqüentemente, apresentam relevante contribuição para os estudos dialetológicos no país.

Todavia, muitos dos dados levantados por Silva permanecem em estado bruto, por assim dizer, sendo oportuno traduzir em mapas cartográficos e suceder a devidas análises os resultados de suas muitas entrevistas e coletas realizadas em 2015. Nos propomos a contribuir para isso neste presente trabalho, em que lançamos mãos de dados inéditos coletados no contexto da produção do ALITTETO (2018) relacionados ao campo da alimentação e cozinha para compreender aspectos dos falares dessa importante região do país que é o Tocantins.

Nosso interesse é utilizar a ilustração cartográfica para um levantamento quantitativo a partir do banco de dados de Silva (2018) sobre formas que falantes no Tocantins têm de nomear o seguinte item de alimentação: arroz feito com a carne cortada em tiras, pergunta número 151 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALITTETO. Esse levantamento é feito de modo a tornar possível a proposição de hipóteses qualitativas sobre as dinâmicas dialetológicas, geográficas e socioculturais envolvidas nos resultados.

## A importância da Dialetologia para o mapeamento da variação linguística

A Dialetologia analisa determinada variação linguística, sendo ela reconhecida como “o ramo de estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 197).

Esse campo de estudos surgiu na Europa no final do século XIX e início do século XX, sob forte influência dos métodos científicos, sobretudo como uma complementação aos estudos de natureza histórico-comparatista (VENY, 1986; CARDOSO, 2010, *apud*, SILVA, 2018;). Essa orientação forneceu à Dialetologia a configuração que ela assumiu em seus primórdios.

Silva (2018), no entanto, lembra que essa orientação à Dialetologia não permaneceu por muito tempo, passando a ciência em questão por várias mudanças que levaram ao seu aperfeiçoamento. Entre as principais causas dessas modificações podem ser apontadas: a admissão de novas filiações teóricas e os preceitos fornecidos por diferentes pesquisadores, a incorporação de novos fundamentos, métodos de coleta e análise de dados e a disponibilidade de dados em planos cartográficos, com a contribuição significativa da Geografia Linguística:

[o] método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1987, p. 79).

No Brasil, a história da Dialetologia passa a se consolidar a partir de 1926, com Domingos Borges de Barros (o Visconde de Pedra Branca), fazendo a primeira manifestação de natureza dialetal sobre o português do Brasil, ao escrever “um informe sobre ‘les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal’<sup>1</sup>” ou “uma lista de palavras que apresenta um

1 “As diferenças que o dialeto brasileiro pode apresentar, em comparação com a língua de Portugal” / “Las diferencias que podría presentar el dialecto brasileño, en comparación con el idioma de Portugal” (Tradução nossa).

rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil” (CARDOSO, 1999, p. 234).

Desde a lista de Pedra Branca os estudos dialetais no Brasil passaram por mudanças, as quais levaram ao aperfeiçoamento dos instrumentos teóricos da Dialetologia e que foram responsáveis por suas várias configurações. Tratando desses diferentes enfoques e citando Veny (1986), Silva (2018) reconstitui seis critérios para classificar as diferentes abordagens da Dialetologia: cronológica, geográfica, sistemática, gerativista, social e cultural. A abordagem cronológica subdivide-se em diacrônica e sincrônica; a geográfica está relacionada ao espaço social; a sistemática é representada pelas dialetologias tradicional e estrutural; a gerativista formula as regras com enfoque fonológico para explicar as variações fonológicas; a social associa as variáveis da Sociolinguística (idade, sexo e escolaridade) para descrever as variações e, por fim, a abordagem cultural tem seu foco nas crenças de uma determinada comunidade, considerando dados antropológicos, semânticos e etnolinguísticos.

Para Cardoso (1999), a história da Dialetologia no Brasil pode ser compreendida no contexto de quatro fases. Na primeira, os estudos foram voltados à feitura de dicionários, vocabulários e léxicos regionais. A contribuição do *Dicionário de Língua Brasileira*, de Luís Maria Silva Pinto (1832), por exemplo, teve a relevância de constituir um modelo metodológico já próprio do Brasil. Outra importante obra dessa primeira fase, segundo Cardoso, é o “Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada” (1999, p. 235), publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan, na *Gazeta Literária*, entre 1883 e 1884.

A segunda fase iniciou-se com o trabalho de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira* (1920), e se destacou pelo trabalho voltado para uma área determinada do interior de São Paulo e resulta de uma preocupação que Amaral tinha com o processo de dialeção do português brasileiro. Nesta etapa, nota-se maior preocupação com o aparato metodológico do trabalho.

Para Cardoso (1999), a terceira fase inicia-se com o Decreto governamental 30.643, de 20 de março de 1952, o qual estabelecia as finalidades da Comissão de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, cuja principal tarefa era a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Além dessa iniciativa, o Decreto estimulou a produção de diversas outras pesquisas.

Ganham destaque, a partir desse ponto, trabalhos de pesquisadores como Antenor Nascentes (1922), Serafim da Silva Neto (1946), Celso Cunha (1957) e Nelson Rossi (1963), os quais trouxeram fôlego renovado para os estudos sobre fenômenos da variação linguística no país. Foram esses pesquisadores que trabalharam na “implantação de um novo momento para a Dialetologia brasileira: o início dos estudos de geografia linguística” (CARDOSO, 1999, p. 239).

Dentre os trabalhos que mais impactaram a pesquisa dialetológica nacional citamos as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, publicado por Antenor Nascentes, de 1958 a 1961, e o *Guia para estudos dialectológicos*, de Serafim da Silva Neto (1955). O legado desses pesquisadores foi mostrar os benefícios de um atlas linguístico nacional e a consolidação do valor da Dialetologia na busca pela compreensão científica dos falares do Brasil.

Na quarta fase dos estudos dialetológicos brasileiros configuram-se os avanços da Geolinguística em todo o território nacional. Em 1963 temos a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o *Atlas Prévio dos falares Baianos* (APFB), de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensée. Nos anos seguintes haveria um verdadeiro entusiasmo em torno da Dialetologia com a publicação de outros atlas estaduais brasileiros.

Em 1996, após 33 anos da publicação do primeiro Atlas estadual brasileiro, é formado o Projeto Atlas Linguístico de Brasil (ALIB), cujo objetivo principal é coletar e descrever a variante brasileira, formando o atlas linguístico nacional, como preconizavam autores como Nascentes e Silva Neto.

Na esteira das conquistas mencionadas, é importante destacar o quanto a Dialetologia brasileira tem contribuído para a valorização das culturas e falares do país, com a influência dos estudiosos das fases abordadas e a implementação do ALIB, bem como para a percepção dos mecanismos linguísticos em sua realidade social.

Tendo apresentado panoramicamente a importância da Dialetologia para o estudo sobre os falares brasileiros, discorreremos a seguir sobre o campo semântico da Alimentação e da Cozinha, evidenciando que as bases alimentares brasileiras e as consequentes denominações advindas deste

campo são também objetos de estudo da Dialetologia .

## **A Dialetologia brasileira e o campo semântico da Alimentação e Cozinha**

O cientista social e folclorista Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) foi um dos pioneiros no estudo do vocabulário gastronômico brasileiro, com particular atenção para as manifestações populares de nossa alimentação e dos falares sobre elas. Cascudo considerava os saberes sobre alimentação e cozinha como importantes componentes do patrimônio cultural de um povo e afirmava que “nenhuma outra atividade será tão permanente na história humana” (2011, p. 339). Para ele, “qualquer concepção do conjunto social no plano econômico ou metafísico, implica necessariamente o desenvolvimento dos processos aquisitivos da alimentação” (p. 339).

Cascudo entendia que “[c]ada período histórico possui realmente seu vocabulário que não é destinado unicamente à transmissão de imagens mentais, mas constitui norma intransponível de conduta grupal” (p. 341). Na esteira aberta por esse antropólogo, alguns pesquisadores se dedicam a estudar o campo semântico da alimentação, acrescentando ao olhar dialetológico a percepção dos fenômenos geográficos e sociais, incluindo os deslocamentos humanos no seio do qual esse campo se desenvolve para assumir sua configuração em determinado momento e contexto socioeconômico.

Yida, uma dessas estudiosas, acredita que “o homem fixa sua residência de acordo com o ambiente que o circunda, adaptando-o à sua necessidade de subsistência e alimentação” (2011, p. 50). Ainda segundo ela, “os grupos humanos procuram uma adaptação às condições ambientais, com a adequação cultural estabelecendo relações entre homem-*habitat* para aprimoramento do desenvolvimento da vida humana” (p. 50).

As ideias estabelecidas por Yida têm respaldo em Diégues Jr (1980, p. 27), para o qual “o ambiente condiciona a vida humana, em primeiro lugar através do clima e do solo, e depois, pela vegetação, pelo relevo e pelos demais elementos que o constituem”. A partir de Diégues Jr (1980) e de Yida (2011), percebemos que, ao se deslocar e assumir um novo local de moradia, um grupo humano ou indivíduo configura três situações de adaptação mútua (homem/ambiente) possíveis: 1) ele adapta seus hábitos alimentares (e, com eles, os falares associados) aos itens disponíveis em sua nova localidade; 2) ele modifica a paisagem (tanto física quanto cultural), inserindo nela os itens gastronômicos de sua preferência e suas maneiras de se referir a eles, ou 3) o indivíduo faz ambas as coisas, adaptando-se à culinária e a correspondente semântica alimentar do novo local, ao mesmo tempo em que insere neste suas próprias preferências e particularidades, trocando saberes (e sabores) gastronômicos e dizeres relacionados.

Yida (2011) nos fornece um exemplo da adaptação de tipo 1:

Assim, o português, ao instalar-se no território brasileiro durante a colonização, deparou-se com um clima diferente do europeu, que se caracteriza pelas quatro estações bem definidas, o que o levou a adaptar o seu sistema de alimentação baseado primariamente no trigo, para a mandioca, tipicamente brasileira, pois as condições físico-químicas do solo, temperatura, clima eram todas diferenciadas de sua terra de origem. O lusitano teve que readaptar-se à nova condição física, diferentemente do inglês nos Estados Unidos que encontrou condições climáticas e nutricionais próximas às europeias (p. 50-51).

Segundo a pesquisadora, a culinária brasileira diversifica-se em razão da grande extensão territorial e da influência estrangeira (YIDA, 2011). Para reconstituir as raízes históricas da culinária nacional, Yida recorre a Cascudo (1968) e afirma que “as bases da cozinha brasileira vieram principalmente da África Ocidental, da colonização portuguesa no século XVI e do cardápio

indígena” (YIDA, 2011, p. 52). Em seguida, ela explica essa contribuição:

A influência africana deu-se principalmente por bantos e sudaneses, desde o início da colonização brasileira até a fundação dos engenhos de açúcar, na primeira metade do séc. XVII até o séc. XVIII, estendendo-se à atualidade, com a permanência do negro no país. A participação indígena na culinária nacional também permanece até a contemporaneidade (YIDA, 2011, p. 52).

Yida conclui, assim, que temos as “bases negra, indígena e portuguesa na alimentação do brasileiro” (p. 52). Mas lembra que houve ainda “a influência de outros povos que imigraram para o Brasil” e de “suas receitas, que foram adaptadas aos temperos e ingredientes nacionais” (p. 52). A título de exemplo, podemos ver que Cascudo (1968, p. 205) cita a grande influência portuguesa na alimentação brasileira, a qual pode ser conferida “nos nomes referentes à culinária [...] utensílios da cozinha, às provisões (farinha, milho, feijão, arroz,) às técnicas de preparo (assado, cozimento, guisado, refogado, grelhado, pilado), à maioria decisiva dos condimentos vegetais”.

Essa adaptação que estamos chamando aqui de tipo 1 (migrador adaptando-se aos sabores e dizeres respectivos locais) foi predominante nos primórdios da ocupação do território brasileiro. Posteriormente, os próprios brasileiros, com seus constantes deslocamentos internos, estabelecem a adaptação de tipo 2 (influenciar na culinária local e dizeres associados) e 3 (influenciar e ser influenciado mutuamente) como as predominantes. Esse será o caso de acomodação de receitas e nomenclaturas resultantes de migrações internas, de que trataremos a seguir, ao conferir o caso da ocupação do território tocantinense.

O que conferimos mostra que, à contribuição etnográfica de Cascudo (1968), Yida (2011) acrescenta sua igualmente relevante percepção dos fatores linguísticos envolvidos na relação migração/alimentação de um determinado local. Combinadas as abordagens desses dois estudiosos, é possível compreender as ligações entre linguagem e culinária, revelando que, pela análise linguística, ou seja, por meio da identificação dos fragmentos desse “mosaico que compõe a fala do brasileiro, formada por uma mistura de várias etnias, que se amoldaram à cultura nacional” (YIDA, 2011, p. 52-53), é possível reconstituir e avaliar aquela relação.

Tratando do intercâmbio desses dois campos do fazer humano (linguagem e alimentação), Carneiro (2005, p. 71) chega a dizer que: “comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem”.

Assim, os dialetólogos podem lançar mão de diálogos com os fenômenos sociais e culturais relacionados às formas pelas quais os indivíduos nomeiam ou se referem aos itens da alimentação. Ao se munir de recursos da Geografia Linguística, o pesquisador dispõe de instrumentos para compreender a gama de fenômenos envolvidos nos múltiplos falares de uma determinada região. Desse modo, conta, por exemplo, com meios para estabelecer hipóteses sobre as distintas variantes ali utilizadas pelos falantes para se referirem a determinado item da alimentação local.

Estabelecidas as premissas teóricas deste estudo, passemos agora a um delineamento das localidades em que foram coletados os dados e sua realidade histórico-social.

## **Tocantins: um território linguístico e uma gastronomia marcados pelas migrações**

O Tocantins faz fronteira com os estados do Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso. É constituído geograficamente por 139 municípios e, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2020, a população estimada é de 1.590.248 pessoas. Sua capital, Palmas, criada em 20 de maio de 1989 e em expansão desde então, tem atualmente a segunda maior taxa de crescimento entre as capitais brasileiras (cf. IBGE, 2021).

Politicamente, o estado é de criação recente, sendo seu marco fundacional 05 de outubro

de 1988, quando da promulgação da nova Constituição Federativa Brasileira. No entanto, nos aspectos étnicos e antropológicos, sua configuração é bem mais antiga. Antes de sua emancipação, as terras que constituem o atual território do Tocantins faziam parte do norte do estado de Goiás. Segundo Silva (2018, p. 25), a divisão “aconteceu por influências políticas promovidas dentro do próprio território, através de movimentos separatistas”. A divisão do estado sempre esteve atrelada a argumentos sobre as dificuldades econômicas do norte goiano em relação ao sul do estado, bem como às diferenças culturais e a localização geográfica (SILVA, 2018, p. 31).

Esse é um fator relevante para se pensar os falares de uma região que não só viria a se estabelecer sobre o primado da identidade cultural autônoma (em relação a Goiás) como atrairia, ao consolidar sua independência política e geográfica, um fluxo migratório que consiste num desafio para essa própria autonomia. Isso porque a região onde hoje fica o Tocantins sempre foi marcada pela variedade étnica e pelos fluxos migratórios, mesmo antes de sua independência política em 1988.

Conforme Palacín e Moraes (1989), Goiás começou a ser explorado no século XVII, com uma expedição comandada por Bartolomeu Bueno da Silva, que percorreu grande parte do território, em busca de índios para as atividades agropastoris, mas principalmente de ouro e diamante. Esse primeiro povoamento do território deu-se inicialmente ao sul do atual estado de Goiás, com abertura no sentido norte.

Já o povoamento da região norte da antiga província de Goiás (a qual depois constituiria o Tocantins) deu-se no sentido norte-sul, por meio inicialmente dos jesuítas que penetraram na região partindo do Maranhão e adentrando o território via Rio Tocantins: “Essas penetrações se restringiam à área do Tocantins adstrita ao Estado do Maranhão, para onde levavam os índios arrebanhados no sertão de Goiás” (ARBUÉS, 1995, p. 35). Mas a efetiva ocupação só aconteceu quando os bandeirantes Bartolomeu Bueno da Silva e João Leite Ortiz Prado se fixaram (em 1725) na região do Rio Vermelho, estabelecendo ali “as primeiras minas de povoamento no Centro-Sul, Nordeste e Norte de Goiás” (ARBUÉS, 1995, p. 35).

A povoação no que era então o norte e nordeste da província de Goiás (atuais sul e sudeste do Tocantins) intensificou-se no contexto da mineração, entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Os viajantes da época estavam interessados em minérios e avançaram cada vez mais para o norte (região rural e pouco povoada, mas com garimpos mais promissores). Fatores como dificuldade de acesso, terras impróprias para o cultivo e distância das comarcas administrativas estabeleceram a dicotomia entre o norte (com uma economia marcadamente de exploração) e o sul (de economia e vida social mais complexas, além de urbanização e habitação mais acentuadas).

A região goiana que depois viria a ser o sul e sudeste do Tocantins ficava cada vez mais desconectada do restante do estado de Goiás. Segundo Cavalcante (2003, p. 188), “a administração chegou a isolar e ilhar essas populações em que a primeira motivação seria o ouro”. Consequentemente, as grandes distâncias entre os povoamentos e a consequente escassez de oferta de alimentos viria a determinar alguns aspectos, não só da vida social dessas comunidades, mas também de seus hábitos alimentares.

Para ter acesso ao sertão tocantinense, os indivíduos precisavam viajar vários dias sobre lombo de animais. Como não existiam ambientes para a conservação da comida, os viajantes da época utilizavam gordura de animal na carne para a manter útil por mais tempo. Eles priorizavam víveres como a carne salgada, a carne seca e a farinha, alimentos com maior vida útil. Como resultado, o sal tornou-se de grande importância na época, pois, além da alimentação humana, fazia parte da dieta do gado (com o objetivo de se evitarem doenças) e chegou, inclusive, a ser incorporado à economia local:

Uma vez por ano, pelo menos, tinha que reunir o gado e dar sal para eles, para evitar determinadas doenças, como o botulismo, por exemplo. Então o sal sempre foi um papel fundamental, o salário vem do sal, vem de soldo, pagava-se aos soldados com sal porque era um produto raríssimo – e, no interior de Goiás, uma das pesquisas que mais fizeram naquele tempo era descobrir minas de sal (CAVALCANTE, 2003 p. 189).

Vimos assim que, no contexto alimentar do Tocantins, a carne veio a se tornar uma iguaria marcante. Tratemos agora das prováveis confluências de fatores linguísticos e extralinguísticos nos modos de nomear, nesse estado, o prato feito de arroz com carne.

Apesar de receber diferentes nomes e configurações, conforme a região do país, em geral a *maria-isabel*<sup>2</sup> constitui-se em uma receita composta basicamente dos ingredientes arroz e carne. Essa é a definição que Câmara Cascudo faz em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Segundo ele, *maria-isabel* seria “carne cozida com arroz” (1988, p. 476). Não é difícil imaginar que um dos pratos prediletos dessa região do país leve em sua composição o tão comum e “suplementar arroz” (CASCUDO, 2011, p. 458) e a carne, item de “onipresente influência [...] na história da nutrição” (p. 508).

Como dissemos, comum em várias regiões do Brasil, a *maria-isabel* recebe aspectos próprios e definições particulares em cada uma delas. No entanto, não há muita documentação disponível sobre a origem dos elementos dessa comida ou sobre as etimologias de seus diferentes nomes. A propósito, sendo o arroz com carne um prato comum em várias localidades do país, recebe nomes distintos de *maria-isabel* em algumas delas, podendo ser conhecido ainda pelos títulos de *charqueado*, *cortadinho de arroz*, *arroz carreteiro*, *arroz com carne seca*, *arroz casado*, *arroz pantaneiro* e *arroz cirigado*<sup>3</sup>.

Juntando-se a esses dados etnográficos os fatores linguísticos, seria possível observar, por exemplo, os fenômenos diversos relacionados às diferentes formas que os habitantes do Tocantins têm de referir/nomear aqueles mesmos itens gastronômicos combinados em uma refeição. Foi nesse intuito que lançamos mão de dados disponibilizados pelo ALITTETO (SILVA, 2018), para fornecermos uma abordagem dialetológica dos resultados, os quais passamos a expor.

## Metodologia

A questão considerada para a elaboração deste artigo foi a de número 151 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALITTETO: *A comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?* (SILVA, 2018).

A metodologia adotada para a elaboração do ALITTETO foi a pluridimensional, “dada a realidade topodinâmica das migrações e dos respectivos cenários linguísticos em situação de contato [...] que alia a arealidade (diatópica) com os fatores sociais em superfície tridimensional” (SILVA, 2018, p. 73).

Para o desenvolvimento da pesquisa, Silva (2018) estabeleceu a rede de pontos, sendo selecionadas 12 localidades, com vistas a contemplar as oito microrregiões administrativas do Tocantins, a saber: 1. Araguatins; 2. Tocantinópolis; 3. Araguaína; 4. Araguacema; 5. Palmas; 6. Pedro Afonso; 7. Porto Nacional; 8. Gurupi; 9. Mateiros; 10. Formoso do Araguaia; 11. Natividade e 12. Paranã. Foi realizada a seleção de 96 informantes, feita a partir de dimensões interindividuais: diatópica-cinética (topoestáticos e topodinâmicos), diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos, e faixa etária II – 50 a 65 anos) e diassexual (homens e mulheres).

Para a coleta do material, Silva (2018) fez investigações *in loco*, registradas com o auxílio de gravador portátil, além de fichas dos informantes, segundo o modelo do ALiB (CARDOSO, 2010, p. 102-103). A coleta dos dados foi feita pela própria autora, juntamente com outros inquiridores, todos ligados à Universidade Federal do Tocantins. Após a coleta, foi feita a catalogação e o armazenamento dos dados, tendo sido os arquivos transformados em MP3 para então passarem pelo processo de transcrição e revisão do material.

Para o presente artigo, procedemos a consultas ao banco de dados ainda inéditos de Silva (2018), acompanhando o máximo possível seus pressupostos e linhas de análise. Após estudos bibliográficos para a formulação da base teórica, fizemos o levantamento e a comparação da

2 A comida de que tratamos aqui, aparece, em fontes diversas, ora grafada como maria isabel (sem hífen e com < s >), ora como maria-isabel (com hífen e com < s >), podendo aparecer ainda as formas maria izabel (sem hífen e com < z >) e maria-izabel (com hífen e com < z >). Neste trabalho transcrevemos nas citações a grafia conforme usada pelos seus autores, mas optamos por usar a forma maria-isabel sempre que se tratar de nosso próprio texto. Seguimos, assim, a grafia utilizada no ALITTETO (SILVA, 2018).

3 Neste trabalho optamos por utilizar a grafia “cirigado”, com < c > inicial.

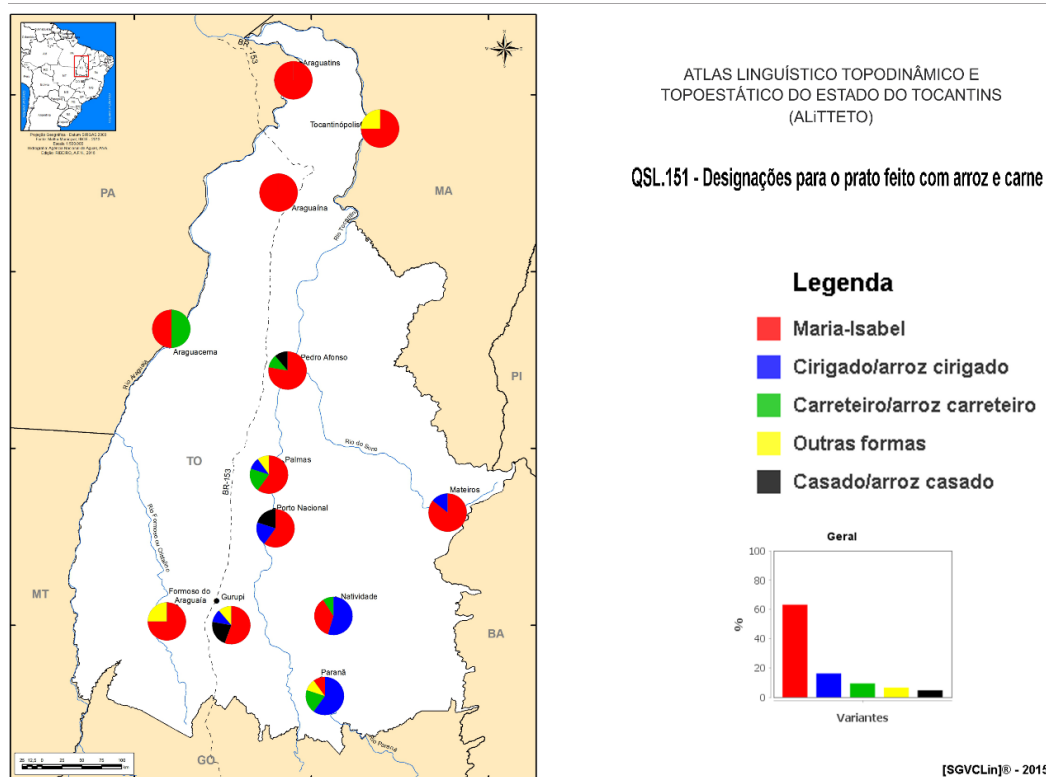
produtividade das variantes e sua distribuição nas 12 localidades.

Em seguida, registramos os dados em carta linguística através do programa SGVCLin (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2021) para ilustrar as formas lexicais encontradas e, após, partimos para a análise desses dados.

### Análise diatópica: *Maria-isabel* e *Arroz Cirigado*

A questão QSL 151 do ALITTETO – *A comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?* (SILVA, 2018, p. 229) – teve grande produtividade devido à popularidade dessa refeição entre os informantes. Das 96 pessoas inquiridas, 93 responderam. Dessas, obtivemos quatro formas principais com seus respectivos agrupamentos. Apresentamos a seguir a carta linguística com os dados relativos a esse aspecto do levantamento:

Figura 1. Designações para o prato feito com arroz e carne de sol no Tocantins.



Fonte: Oliveira Gomes e Santos (2021), com base no *corpus* (SILVA, 2018).

Constatamos que a variante *maria-isabel* (em vermelho) teve maior produtividade, com 62% de citações e está presente em todas as regiões do Tocantins. Em seguida, temos as formas *cirigado/arroz cirigado* (em azul, com 18% dos resultados); *carreteiro/arroz carreteiro* (em verde, com 10% dos resultados), *outras formas* (em amarelo, com 6%) e *casado/arroz casado* (em preto, com 4%).

A variante *maria-isabel* está presente em todas as regiões do Tocantins, sendo que em algumas localidades, como Araguatins e Araguaína, extremo norte, a expressão foi hegemônica. Já as ocorrências de *cirigado/arroz cirigado*, que aparece em segundo lugar, estão concentradas na região sudeste do estado; em Paranã e Natividade, a forma aparece com porcentagem considerável, atingindo mais de 50% das ocorrências. *Cirigado/arroz cirigado* aparece também em Gurupi, Mateiros, Porto Nacional e Palmas e, mesmo que tenha recorrência menor que *maria-isabel*, sua incidência, sobretudo em regiões centro-sudestinas nos leva a questionar o porquê dessa forma demarcar uma possível área dialetal no Tocantins.

Uma hipótese pode ser levantada a partir do site *Turismo do Tocantins*, que diz o seguinte em uma de suas abas:



E quem vai a Natividade não pode deixar ainda de se deliciar com a gastronomia regional. Paçocas, arroz sirigado (uma mistura de arroz com carne de sol), bolos, doces, licores com o gosto dos frutos do cerrado e tradicionais biscoitos como o Amor-Perfeito representam com perfeição os sabores desta cidade (TURISMO DO TOCANTINS, 2021).

A ocorrência mostra que é possível encontrar *sirigado* grafado ora com < s > ora com < c >. Os autores do texto do site citado optaram por usar o < s >. Mostra ainda que o *arroz cirigado* é descrito como fazendo parte da *gastronomia regional*, relacionada neste caso a cidade de Natividade que, historicamente, foi importante arraial de mineração nos primórdios do território. Segundo Silva (2018) e Silva e Borges (2019), o espaço sudeste do Tocantins, em termos dialetais, apresenta características distintas de outras regiões do Estado, a saber: falar mais ruralizado, maior incidência de termos procedentes do falar baiano (NASCENTES, 1953) ou provenientes da divisa com Goiás. Para que possamos elencar um dos fatores que levou essa região a denominar o prato em questão por *cirigado*, ainda carecemos de mais estudos.

A terceira variante apresentada nas respostas para a questão citada foi *arroz carreteiro* e, de acordo com o dicionário *Aurélio* (1986, p. 175) é um “prato típico da cozinha do Sul [do país]” descrito pelo dicionarista como sendo “feito de arroz ao qual se adiciona carne-seca ou carne-de-sol desfiada ou picada” (FERREIRA, 1986, p. 175).

Para concluirmos que se trata de um prato típico do Sul (a saber: a nomenclatura *arroz carreteiro* e não a iguaria arroz com carne, em si, uma vez que esta é recorrente em todo o território nacional), seriam necessárias investigações que relacionassem esse local de origem dos falantes (estados da região Sul) com as variantes lembradas. Não obstante, Ferreira (2015) apresenta dados que mostram que nos anos 90 houve grande fluxo de migração para o novo estado. Os migrantes sulistas eram, segundo a autora, na maioria pequenos e médio agricultores que se fixaram em grande parte na região rural do Tocantins.

Com base no Censo Geográfico do IBGE, Ferreira (2015) indica que, no ano 2000, 13,5 % da população de Dianópolis e 18,6 % da população de Pedro Afonso informavam ser não-naturais dessas cidades. Essa tendência se acentuou na década seguinte, pois, conforme a mesma pesquisadora, em 2010 cerca de 35% da população do Tocantins se declarava não-natural do estado, com os números de Dianópolis e Pedro Afonso registrando então 17,4% e 20,5%, respectivamente.

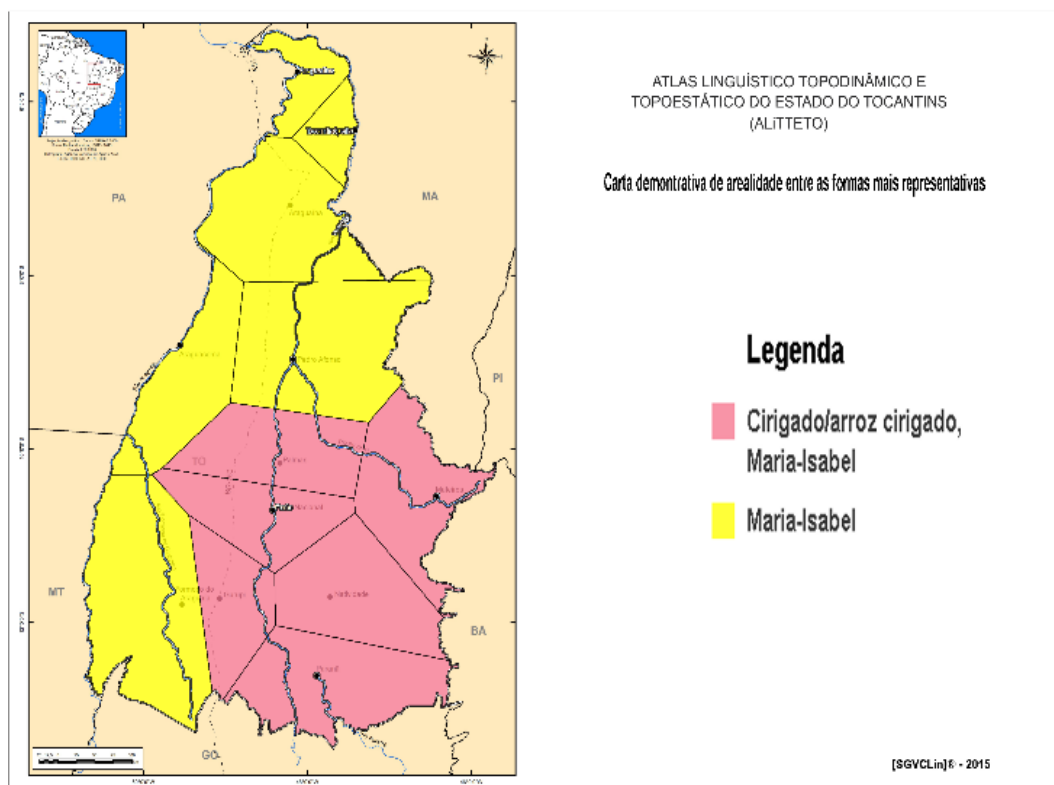
As outras variantes que aparecem na pesquisa são expressões como: *arroz com carne de sol*, *baião de dois*, *arroz tropeiro*, agrupadas em *outras formas* por apresentarem quantitativo mínimo de respostas, normalmente uma resposta para cada

Por fim, *arroz casado* foi fornecido por quatro informantes, distribuídos pelas cidades de Pedro Afonso, Porto Nacional e Gurupi Não é possível concluir se houve mera associação, por serem mencionados na pergunta dois ingredientes: a carne e o arroz. Todavia,<sup>4</sup>

O mapa 2 revela a distribuição geográfica (arealidade) das duas formas mais representativas, *maria-isabel* e *cirigado* e nos ajuda a compreender o espaço que cada uma das variantes preenche.

4 Arroz casado também é utilizada quando para se referir a uma outra mistura: a de arroz com feijão.

**Figura 2.** Carta demonstrativa de arealidade entre as formas mais representadas.



**Fonte:** Oliveira Gomes e Santos (2021), com base no *corpus* (SILVA, 2018).

*Maria-isabel*, em amarelo no mapa, é predominante nos seguintes espaços do estado: sudoeste (fronteira com Mato Grosso e região que fica à margem direita do Rio Araguaia); centro-oeste (na fronteira com o Pará e na longa faixa que fica às margens direita e esquerda do Rio Tocantins); nordeste e norte (fronteira com o Pará e o Maranhão). Além disso, pode-se fazer uma percepção inicial de que *maria-isabel* predomina nas partes sudoeste, central e norte do estado, em suas fronteiras com Mato Grosso, Pará e Maranhão, enquanto divide com as formas *cirigado/ arroz cirigado* a predominância nas regiões sul e sudeste do estado, nas fronteiras com o nordeste goiano e o sudoeste baiano.

Apresentamos em seguida a tabela contendo os percentuais distribuídos por variáveis sociais.

**Tabela 1.** Distribuição percentual por variáveis linguísticas.

	Maria-isabel	Cirigado/ arroz cirigado	Outras formas	Casado/ arroz casado	Carreteiro/ arroz carreteiro
Faixa etária I (18 a 30 anos)	69%	13%	8%	6%	4%
Faixa etária II (50 a 65 anos)	57%	19%	15%	7%	2%
Masculino	67%	15%	8%	6%	4%
Feminino	59%	17%	15%	6%	4%
Topoestáticos	67%	17%	7%	6%	4%
Topodinâmicos	60%	15%	12%	8%	6%

**Fonte:** Oliveira Gomes e Santos (2021), com base no *corpus* (SILVA, 2018).

Sobre a variável faixa etária, nesta pesquisa subdividida entre o grupo I, dos mais jovens (18 a 30 anos) e o grupo II, dos mais velhos (50 a 65 anos), percebemos que *maria-isabel* aparece com leve propensão nos informantes mais jovens. O contrário se observa em relação à *arroz cirigado* com 19% na faixa etária I e 13% nos mais.

No recorte diasssexual, *maria-isabel* teve maior produtividade entre os homens, com 67% das respostas, enquanto nas mulheres 59%. Sobre *cirigado/arroz cirigado* os resultados entre ambos os sexos são praticamente equânimes. No entanto, procede, em sua maioria, das mulheres as formas dialetais agrupadas em *outras formas*.

Por fim, sobre a origem do informante, variante *maria-isabel* aparece com 67% das menções no grupo topoestáticos, ou seja, nos informantes locais, enquanto no grupo topodinâmicos aparece com 60%. *Cirigado/arroz cirigado*, predomina no grupo mais local, enquanto as formas agrupadas em *outras* aparecem em maior porcentagem no grupo dos menos locais (topodinâmicos).

## Considerações finais

Os dados levantados por Silva (2018) permitem cartografar de modo topodinâmico as variantes *maria-isabel*, *arroz cirigado*, *arroz carreteiro* e outras formas que os falantes de 12 localidades do Tocantins usam para responder à questão QSL 151 do ALITTETO: *A comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?* (2018, p. 229). A análise quantitativa dos dados por variáveis sociais como local de origem, idade e sexo permite o levantamento de dados que podem ser cartografados e, assim, oferecerem meios para análises qualitativas, que relacionem fenômenos linguísticos e extralinguísticos.

O mapa diatópico 01 mostra aprevalência da variante *maria-isabel* entre informantes, com 62% dos resultados, em contraste com a segunda forma mais citada, *cirigado/arroz cirigado*, mencionada em apenas 18% dos resultados. No entanto, apesar do predomínio quantitativo em relação à *maria-isabel*, notamos que *cirigado/arroz cirigado* demonstra a formação de uma área dialetal de ocorrência, localizada no sudeste tocantinense, como evidenciado no mapa 02. Essa carta permite ainda projeções de hipóteses que podem ser futuramente respondidas.

Observamos também a presença de *arroz-carreteiro*, forma dialetal procedente dos estados sulistas, podendo indicar que esta forma adentrou o Tocantins via migrante, mas que, atualmente, também faz parte do vocabulário ativo dos informantes topoestáticos. Em suma, os veios dialetais presentes no campo da alimentação e cozinha apresentam aspectos socio-históricos de formação do próprio espaço tocantinense.

## Referências

- ARBUÉS, Margareth Pereira. **A migração e a construção de uma (nova) identidade regional**: Gurupi (1958-1988). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO. **A dialectologia no Brasil**: perspectivas. Universidade Federal da Bahia: D.E.L.T.A, Vol. 15. N. especial, 1999.
- CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade**: Significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Global, 2011.
- CASCUDO. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CASCUDO. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: UCG, 2003.
- COSERIU, Eugênio. A geografia linguística. In: COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.
- CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- DIÉGUES JR., Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Sofia Nogueira. **Mobilidade espacial da população sulista para as mesorregiões selecionadas do extremo oeste da Bahia, sul e oeste do Maranhão, sudoeste do Piauí e oriental do Tocantins e as novas dinâmicas territoriais**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.
- IBGE - **Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/panorama>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Santana. **História de Goiás**. Goiânia: UCG, 1989.
- ROMANO, Valter Pereira.; SEABRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Natan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **RELIN: Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- SANTOS, Edgar Oliveira; LOIOLA, Edney; SANTOS, Sônia Oliveira. Migrações internas e desenvolvimento regional no Meio Norte brasileiro. In: **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, BLUMENAU, 5 (1), p. 69-92, 2017.
- SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **International Congress o Romance Linguistics and Philology** (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.
- VENY, Joan. **Introducción a la Dialectología catalana**. Barcelona: Biblioteca Universitária, 1986.
- YIDA, Vanessa. **O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais**. 2011. 191p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

Recebido em 08 de julho de 2021.  
Aceito em 13 de julho de 2022.